

APONTAMENTOS PARA O ESTUDO DO GOVERNO DO 2º MARQUÊS DO LAVRADIO (CAPITANIA DA BAHIA, 1768-1769)

Iara Dias dos Santos¹

Avanete Pereira Sousa²

Resumo: Tendo como fonte principal de investigação as “Cartas da Bahia, 1768-1769”, o presente estudo objetiva apontar algumas possibilidades para o estudo do governo de D. Luís de Almeida Portugal, 2º Marquês do Lavradio, na capitania da Bahia. A correspondência de amizade abriga relatos sobre a viagem para a capitania da Bahia, as emoções e impressões frente aos costumes, o clima, a fauna e a flora da capitania. As cartas contemplam, ainda, um registro pessoal de D. Luis de Almeida sobre as dificuldades de governar no além-mar. E ao mesmo tempo, as cartas ajudavam na arte de governar. Portanto, o estudo dessa correspondência é de fundamental relevância para compreender as relações de poder na capitania da Bahia setecentista, como em toda a América portuguesa.

Palavras- chave: Bahia. Governo. Marquês do Lavradio.

INTRODUÇÃO

Estudar o período colonial, especificamente o século XVIII, e a trajetória de governadores têm se mostrado de extrema importância para compreender os meandros políticos deste período histórico. Também permite, de certa forma, visualizar os problemas que eram enfrentados pelos governantes que serviam ao rei em terras ultramarinas, bem como os erros, acertos, as dificuldades de comunicação, por conta das distâncias, e todo tipo de adversidade. Esta pesquisa recai sobre o governo do 2º Marquês do Lavradio na Capitania da Bahia, tendo como fonte principal as suas cartas de amizade, escritas entre 1768 e 1769. Uma correspondência riquíssima que nos permite notar vários aspectos sobre a dinâmica do seu governo e também elementos relativos à sua vida particular. As cartas de D. Luís de Almeida Portugal eram escritas para os seus amigos e parentes não só em Portugal, mas também na África e Açores. Abordar a trajetória de indivíduos da burocracia estatal nas áreas coloniais, durante o período denominado de Antigo Regime, é um campo um tanto quanto “perigoso” pelo fato desses homens representarem a voz da metrópole, do rei, nesses territórios. Indistintamente estes indivíduos desempenhavam um papel autoritário em relação às

culturas existentes além-mar, dominando e controlando, de formas diversas, a população originária e a população local.³ Por outro lado, estudar a história de vida de governantes no império ultramarino português é importante tanto no sentido de se fazer compreender suas trajetórias pessoais e políticas como para entender os meandros da própria política ultramarina e o contexto que permeava toda a América portuguesa.⁴

Além do mais, muitos governantes como o 2º Marquês do Lavradio deixaram importantes registros documentais que nos permitem deslindar não só a política administrativa da metrópole portuguesa, mas também a vida cotidiana nas áreas coloniais. Nesta comunicação, abordaremos um pouco a trajetória pessoal e política, ou seja, a biografia de D. Luís de Almeida Portugal e, depois, lançaremos algumas notas fundamentais para a compreensão do seu governo na Capitania da Bahia, destacando trechos importantes das suas cartas de amizade de 1768 e 1769.

Governo do 2º Marquês do Lavradio na capitania da Bahia

D. Luís de Almeida Soares Portugal Alacção Eça Melo Silva Mascarenhas, 5º Conde Avintes e 2º Marquês do Lavradio, era filho de D. Antônio Almeida, o 1º Marquês do Lavradio e sua mãe D. Francisca das Chagas Mascarenhas. Sua educação se deu por meio de um abade francês, indicado pelo seu tio, o cardeal D. Tomás de Almeida. “Por iniciativa do seu pai, D. Luís de Almeida Portugal seguiu para Madri, em 1749, e depois para Paris, a fim de completar seus estudos, de cuja natureza, lamentavelmente, não há informações precisas”.⁵ “Em 1760 D. Luís de Almeida perdeu o pai, que morreu na capitania da Bahia, ao se deslocar à América para ser Vice-rei do Brasil – um período de tristeza para a Casa Lavradio”.⁶ Esse fato foi relatado com muita emoção e tristeza na chegada do 2º Marquês do Lavradio na capitania da Bahia⁷, como na carta dirigida ao seu tio Principal de Almeida em 5 de maio de 1768 que diz:

As memórias que esta terra, e tôdas estas funções que me fazem, tôdas são para mim tristes, e de uma saudade [...] fui à casa do Prelado, e de lá fui a São Francisco. Os padres que já me esperavam me conduziram ao carneiro em que se acha sepultado meu pai e senhor donde está uma capela, e ali lhe fêz tôda a comunidade um sufrágio a que lá assisti, o Conde de Valadares e todos os mais que me acompanharam, e ali confesso a V. Ex.^a a verdade não tive fôrças, não puderam os meus olhos mais tempo ocultar o que sentia o meu coração, por natureza, e obrigação (1972, p.11).⁸

Em 1761 Luís de Almeida Portugal tornou-se um importante militar. No início do século XVIII, uma quase totalidade dos governantes eram fidalgos militares. “O topo

da hierarquia militar correspondia, em larga medida como o cume da pirâmide nobiliárquica que, globalmente, tendia a reproduzir”.⁹ Em 1768 o 2º Marquês do Lavradio foi nomeado governador e capitão-general da Capitania da Bahia, na qual governou seguindo os preceitos do seu pai (D. Antônio Almeida), conforme a Casa Lavradio. Seu governo na Bahia perdurou de 1768 a 1769.¹⁰

D. Luís de Almeida Portugal foi nomeado, por Carta Régia, governador da Capitania da Bahia em 26 de agosto de 1767, por conta de suas qualidades como militar, por seu prestígio na Corte e pelos serviços prestados ao rei.¹¹ Em uma carta destinada D. Antão de Almada, Luís de Almeida Portugal, relata sua viagem à Capitania da Bahia. Nesta, escreve:

Meu primo meu amigo e meu senhor [...] Eu fiz a minha viagem felizmente do porto de Lisboa ao de Pernambuco, onde fomos largar o Conde de Povolide. Gastamos 42 dias, e daquele pôrto ao desta Bahia oito dias e desta forma vim a concluir a minha viagem com 50 dias de navegação, não entrando neste número seis dias que me demorei em Pernambuco, com os quais venho a contar da minha saída até a entrada dêste Govêrno 56 dias; parei em tôda a viagem sem mais outro incômodo que aquêle que julgo ser ordinário, a todos os que têm a infelicidade de embarcar, vim enjoado bastantes dias, muitos mais vim como tonto, e em todos estes até chegar a êste pôrto sensaboríssimo; cheguei no dia 18 de abril, e no dia 19 desembarquei e fui tomar posse dêste Govêrno.¹²

Em outra carta semelhante, Luís de Almeida Portugal escreveu a seu tio, Principal de Almeida, em 5 de maio de 1768, contando sobre a viagem e as suas impressões acerca da Capitania da Bahia. Ele diz:

Cheguei no dia 18 do mês passado, logo foi a bordo o Bispo, todos os Ministros da Relação, Oficiais e pessoas distintas desta terra, sendo o único que deixou de ir a meu bordo Gonçalo Xavier, quis o Bispo que eu viesse tomar logo posse naquele dia porém eu que cada vez me aborreceu mais o governar, pedi-lhe que me permitisse ficar mais aquela noite a bordo, e que no dia seguinte de tarde iria receber as ordens de S.Ex^a. Desembarquei na tarde do dia dezanove, e cheio de bastante mortificação assisti a todas as formalidades do costume [...] A terra é muito grande, o lugar é muito autorizado porém o trabalho é imenso, o dêste primeiro tempo parece insuportável, acho tudo em bastante desordem, a tropa sem disciplina nem ordem, os ministros desunidos, os homens de negócio desconsolados, e quase que todo êste povo estava descontente; o pouco tempo que aqui estêve o Conde de Azambuja, não lhe deu lugar a ele poder cortar, as raízes que êste corpo tinha criado, porém as linhas que tinha deitado, para conseguir aquêle fim, pode ser que a mim me possam aproveitar, se eu souber verdadeiramente seguir os seus passos.¹³

Em várias Cartas, o marquês de Lavradio faz comentários sobre a desordem no governo e a falta de tempo por conta de muitos trabalhos, como em uma carta escrita ao

Conde de Povolide, em 28 de junho de 1768. Nesta carta ele se refere à “confusão e falta de ordem, que foi necessário não ocupar em nenhuma outra coisa, que me ver o modo com que podia prontamente, e com a suavidade que me fosse possível trabalhar em remediar alguns destes desconcertos”.¹⁴

Em 14 de setembro de 1768, D. Luís de Almeida Portugal, escreveu ao Governador e Capitão-General do Reino de Angola dando notícias sobre a viagem e a tomada de posse no governo da Bahia, assim como relatou em várias cartas para outros correspondentes. É importante destacar nessa carta a visão do 2º Marquês do Lavradio acerca do clima e dos habitantes da capitania da Bahia. Em suas palavras,

Dei princípio ao meu Gôverno no dia 19 de abril, até o presente ainda não tengo estranhado o clima, o ar parece-me bastantemente benigno as gentes parecem-me de gênio brando e obediente, porém confesso a V. Ex.^a que sem embargo destas circunstâncias que não deixam de ser estimáveis, a quem tem obrigação de aqui residir, que eu o faço com a maior violência, pela repugnância que tôda a minha vida tive a semelhante emprego; Deus permita dar-me fôrças, que correspondam aos meus desejos, a que eu possa ter a única felicidade que apeteço que é de servir a nosso Augustíssimo Amo, com utilidade do seu Real Serviço, consolação e contentamento destes povos.¹⁵

O clima, a desordem do governo e o excesso de trabalho são temas constantes nas cartas de D. Luís de Almeida Portugal. Os costumes da população também eram objeto de críticas do governador, como a forma das mulheres vestirem, principalmente, as ciganas que eram vistas como escandalosas, e a manifestação da religiosidade, tida como alvo de inúmeros sacrilégios. Ao Conde de São Vicente, em carta enviada pelo Navio Chancarona, datada de 1 de fevereiro do ano de 1769, ele assim escreveu:

Vou continuando neste trabalhoso Gôverno que sempre ouvi antes de vir para ele, que não tinha nada que fazer, e que era pouco mais que uma simples mercearia [...] dos abusos que aqui são inumeráveis já alguns se acham desterrados, porém como são tantos falta ainda muito que vencer para isto ter a boa forma em que deve ficar; as urupemas que guaneciam tôdas as portas e janelas da cidade fazendo-as parecer mais cabanas que casas de uma capital, já se não vê uma só; os chapéus desabados com que andava de dia, e de noite todo êste povo, os homens já nenhum anda com eles; e as mulheres já algumas deixam de os trazer assim como os lenços atados na cabeça, porém estas ainda de todo lhe [s] não perderam o amor; as ciganas, que aqui são infinitas, e que andavam no mais indecedente, e escandaloso traje, filhas reduzir a vestirem-se de vestidos modestos, e decentes; as missas nos dias de preceito, que se dizia [m] nas Igrejas pelas três horas da noite indo imensidade assim de homens como de mulheres assitir àquela devoção, onde se cometiam os mais escandalosos sacrilégios, roguei ao Bispo as proibisse, e que para ter a sua ordem a verdadeira observância eu o auxiliaria com o meu poder de Govêrno; com efeito assim se observou sem ser necessário procedimento nenhum

extraordinário, desta qualidade de providências tenho dado muitas outras, acrescentando procurando vencer o que couber no meu tempo.¹⁶

Lavradio também escreveu em suas cartas sobre as doenças que se manifestavam na colônia, falou inclusive de sua própria doença, sobre as tristezas e a melancolia que sentia no governo da capitania, aludia ao fato de que se alegrava em contar o tempo para retornar a sua Casa. Nesses termos escreveu a José Joaquim de Miranda, em 8 de março de 1769:

Deus permita não me desamparar, porque bem necessito dos seus auxílios; confesso-te meu Miranda que tenho chegado muitos e muitos dias à noite a não poder absolutamente comigo pelo grandíssimo trabalho que tenho tido, porém Deus tem sido servido ajudar-me, dando-me fôrças para resistir a ele, de forma que tendo estado quase tôda a minha família, e as pessoas que vieram comigo todos doentes, e sangrados, e a maior parte deles com sarnas, e impingens, eu que trabalho mais que todos, que ando sempre vestido, e de cabeleira desde pela manhã até à meia-noite contra o costume desta terra [...] tive dois ataques de defluxo no peito, que principiavam a dar-me bastante cuidado, porém com o mesmo veneno com que se criaram, com êle se extinguiram: a vida que aqui passo é, a mais triste, e melancólica que possa imaginar, em uma palavra o que me alegra, é contar o tempo que vou-a vencendo, e o que me falta para acabar êste meu emprêgo, esperando que por piedade de Sua Majestade, e a obrigação que eu tanto confesso dever aos meus Ministros hajam de lembrar-se de mim, para eu me haver de restituir à minha Casa.¹⁷

Lavradio também se referia à abundância da terra, à fauna e à flora, indicando que algumas espécies eram enviadas para Portugal/Lisboa, como na carta dirigida a Paulo de Carvalho, em 29 de maio de 1769.

Meu amigo e senhor do meu coração, agora que parte o Campelos não permite a minha amizade, que eu deixe também por ele de pôr na tua presença a minha respeitosa obediência, pedindo-te me permitas o estimável gôsto de boas novas tuas [...] neste país não se oferece por ora cousa de novo, digna de pôr na tua presença, tudo se conserva em boa paz, e quietação, e a terra continua a estar abundante dos frutos e gêneros do país. Leva o Campelos as célebres laranjeiras de umbigo, também vão umas emas, e umas graças, se não as houver na quinta de Belém, manda-las-ás lá deitar, e quando as haja, estas eram para Oeiras; as caneleiras não vão por estarem demasiadamente pequenas, porém na primeira ocasião de navio, creio as poderei mandar com mais algumas árvores do país; já se sabe que tudo isto é para Oeiras, aonde faço conta de ir passar alguns dias a convalescer desta minha trabalhosa digressão.¹⁸

O conteúdo de suas cartas é de caráter diverso, como o seu descontentamento com a Capitania da Bahia, em relação às questões administrativas, os costumes da população, sobre os problemas militares, assuntos ligados aos sentimentos, como a saudade, as angústias, lembranças e outros. Dessa forma, as cartas de amizade de D.

Luís de Almeida Portugal permitem-nos adentrar na história da sua vida e trajetória enquanto governante da capitania da Bahia, apresentando aspectos importantes sobre a dinâmica administrativa do período colonial.

Considerações finais

A correspondência de amizade do 2º Marquês do Lavradio, relativa à capitania da Bahia permite elucidar, de certa forma, sua atuação quanto representante da Coroa em terras além-mar. Também trazem aspectos interessantes acerca da sua vida particular, deixando transparecer suas angústias e emoções através da escrita. O exercício de escrever cartas, de certa forma, foi uma “prática comum nos governos coloniais. Não só porque era através dela que as comunicações se estabeleciam, mas por que a escrita representava o distante, instruía, proporcionava desafogos, e permitiu o exercício da governança”.¹⁹ Além disso, as cartas são registros importantes, que nos possibilitam estudar e conhecer não só o período setecentista, mas dialogar com as tradições políticas, sociais e as posturas dos governantes ao representar a Coroa em terras ultramarinas.

¹ Graduanda em História na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; e-mail: iguerreira@hotmail.com.

² Profa. do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: avanete@uol.com.br

³ SOUZA, Laura de Mello e. *O sol e a sombra: política e administração na América portuguesa do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras. 2006, p.18.

⁴ SOUZA, Laura de Mello e. *O sol e a sombra: política e administração na América portuguesa do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras. 2006, p.18.

⁵ SANTOS, Fabiano Vilaça dos. Mediações entre a fidalguia portuguesa e o Marquês de Pombal: o exemplo da Casa Lavradio. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, nº48, p. 301-329, 2004. Disponível no site: < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbh/v24n48/a13v24n48.pdf> >. Acesso em: 19 de maio de 2012. pp.302-303.

⁶ CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da. Sentir, escrever e governar: a prática epistolar e as cartas de D. Luís de Almeida, 2º Marquês do Lavradio (1768-1779). 2011. 384f. Tese (Doutorado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo – USP, 2011. p.208.

⁷ CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da. Sentir, escrever e governar: a prática epistolar e as cartas de D. Luís de Almeida, 2º Marquês do Lavradio (1768-1779). 2011. 384f. Tese (Doutorado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo – USP, 2011.

⁸ Marquês do Lavradio. *Cartas da Bahia (1768-1769)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. (Série Publicação nº 68). 1972, p.11.

⁹ MONTEIRO, Nuno Gonçalo. Governadores e capitães-mores do Império Atlântico português no século XVIII. In: BICALHO, Maria Fernanda; FERLINI, Vera Lúcia Amaral (Orgs). *Modos de governar: ideias e práticas políticas no império português – séculos XVI-XIX*. São Paulo: Alameda, 2005. p.108.

¹⁰ Fundo Marquês do Lavradio: Inventário/Arquivo Nacional. Rio de Janeiro. 1999, p. 5. Disponível no site: < <http://www.arquivonacional.gov.br/Media/lavradio.pdf> > Acesso em:23 de maio de 2012.

¹¹ Marquês do Lavradio. *Cartas da Bahia (1768-1769)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. (Série Publicação nº68). 1972.

¹² Marquês do Lavradio. *Cartas da Bahia (1768-1769)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. (Série Publicação nº 68). 1972, p.14.

¹³ Marquês do Lavradio. *Cartas da Bahia (1768-1769)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. (Série Publicação nº68). 1972, pp.11-12.

¹⁴ Marquês do Lavradio. *Cartas da Bahia (1768-1769)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. (Série Publicação nº68). 1972, p.24.

¹⁵ Marquês do Lavradio. *Cartas da Bahia (1768-1769)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. (Série Publicação nº 68). 1972, p.20.

¹⁶ Marquês do Lavradio. *Cartas da Bahia (1768-1769)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. (Série Publicações nº 68). 1972, pp.106-107.

¹⁷ Marquês do Lavradio. *Cartas da Bahia (1768-1769)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. (Série Publicação nº 68). 1972, p.119.

¹⁸ Marquês do Lavradio. *Cartas da Bahia (1768-1769)*. Arquivo Nacional. (Série Publicação nº 68). 1972, p.90.

¹⁹ CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da. Sentir, escrever e governar: a prática epistolar e as cartas de D. Luís de Almeida, 2º Marquês do Lavradio (1768-1779). 2011. 384f. Tese (Doutorado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo – USP, 2011.p.17.